

cescontexto

Visões de Justiça a partir das Teologias Feministas

“... que não haja indigentes entre vós.” –
da dignidade e do porvir”

Organização

Teresa Martinho Toldy

Fernanda Henriques

Nº 08

Novembro, 2014

Debates

www.ces.uc.pt/cescontexto



Propriedade e Edição/Property and Edition

Centro de Estudos Sociais/Centre for Social Studies

Laboratório Associado/Associate Laboratory

Universidade de Coimbra/University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Comissão Editorial/Editorial Board

Coordenação Geral/General Coordination: Sílvia Portugal

Coordenação Debates/Debates Collection Coordination: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

Agradecimentos

Impõem-se quatro tipos de agradecimento neste momento e lugar:

Às autoras e aos autores dos textos, pela generosidade com que os construíram e facultaram; ao CES, parceiro na realização do III Colóquio Internacional de Teologias Feministas do qual resultam estes textos, mais concretamente ainda, ao CES/Lisboa, que acolheu a iniciativa; à CESCONTEXTTO, por ter aceitado integrar este conjunto de textos no seu número 8 e, *last but not least*, à Igreja Evangélica Alemã de Lisboa, na pessoa da Pastora Anke Stalling, pelo apoio logístico à participação de Bärbel Wartenberg-Potter no Colóquio.

Índice

<i>Teresa Martinho Toldy e Fernanda Henriques</i>	
Introdução	10
<i>Teresa Forcades i Vila</i>	
As falsas democracias e as consequências políticas da noção cristã de ‘pessoa’	14
<i>Bärbel Wartenberg-Potter</i>	
Ser justos uns para com os outros: Reflexões bíblicas sobre as mulheres e a Criação	23
<i>Maria Julieta Mendes Dias</i>	
Justiça e Jesus de Nazaré.....	34
<i>Ivoni Richter Reimer</i>	
Comunhão e partilha como ruptura e transgressão de sistemas de dominação: Diaconia de mulheres nos Atos dos Apóstolos e no Brasil	40
<i>Antonina Wozna</i>	
Que se haga la justicia en la tierra, en el mundo empresarial y desde un enfoque feminista	57
<i>Teresa Martinho Toldy</i>	
“As invisíveis”: Contributos para uma teologia feminista pós-colonial em contexto português	63
<i>João Emanuel Diogo</i>	
Transparentes: Tópicos para uma teologia secular	72
<i>Marijke de Koning</i>	
Entre <i>Local</i> e <i>Global</i> : Quem tem <i>mercy on us</i> ?	78
<i>Maria Carlos Ramos</i>	
“... que não haja indigentes entre vós”	100

Introdução

Teresa Martinho Toldy,¹ Universidade Fernando Pessoa e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
toldy@ufp.edu.pt; toldy@ces.uc.pt

Fernanda Henriques,² Universidade de Évora
maria.mariafern@gmail.com

À memória de Joana Fialho

*Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta
Continuará o jardim, o céu e o mar,
E como hoje igualmente hão-de bailar
As quatro estações à minha porta.
(Sophia de Mello Breyner, *Quando*)*

Os textos aqui apresentados resultam do III Colóquio Internacional de Teologias Feministas, organizado pela Associação Portuguesa de Teologias Feministas, em parceria com o POLICREDOS. O tema escolhido para o colóquio em causa relaciona-se com a situação de crise vivida actualmente e com a relevância de uma reflexão teológica feminista sobre o mesmo. Como dizíamos no texto de convite à apresentação de comunicações: “Neste tempo de crise, as mulheres encontram-se entre as mais pobres de entre os pobres, juntamente com os seus filhos, mas também são heroínas que procuram, no seu dia-a-dia, negar a morte como última palavra da história.” O colóquio pretendia, pois, “trazer à luz e à fala discursos, práticas e reflexões de teologias feministas sobre a justiça enquanto lugar de dignidade, de denúncia do presente e de esperança para o futuro.”

A leitura destes contributos revela o seu carácter poliédrico. Este passa tanto por abordagens teológicas teóricas (que procuram equacionar a questão da justiça à luz dos textos e da tradição identitária cristã), como por abordagens teológicas a partir da emergência de práticas de emancipação ou, nas palavras de Ivoni Richter Reimer, “de ruptura e transgressão de sistemas de dominação”. O fio comum que entretece todos os textos é o da elaboração de teologias feministas “úteis”, isto é, que contribuam para formas de conhecimento teológico úteis, porque transformadoras da realidade, e plurais, porque cientes do carácter incompleto de todas as abordagens e da necessidade e riqueza de estabelecer pontes e laços entre vozes diferentes.

Uma das questões levantadas pela situação de crise vivida actualmente diz respeito à própria forma como as democracias representativas têm vindo a perder a sua efectividade,

¹ Doutorada em Teologia pela Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen (Frankfurt/Alemanha), Pós-doutorada pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Professora Associada com Agregação em Estudos Sociais na Universidade Fernando Pessoa (Porto). Docente desta universidade nas áreas da Ética, dos Estudos de Género e da Cidadania. Investigadora do CES, onde coordena o POLICREDOS. Presidente da Associação Portuguesa de Teologias Feministas.

² Docente na Universidade de Évora, desde 1995 e Doutorada em Filosofia, na área da Filosofia Contemporânea, pela mesma Universidade, com uma tese sobre Paul Ricoeur. Agregação em Filosofia e Género. Membro da Direcção da Associação Portuguesa de Teologias Feministas.

tornando-se “falsas democracias”, na medida em que, como nos diz Teresa Forcades i Vila, os sistemas de governo, “após permitirem aos seus cidadãos votar, legislam e governam contra os interesses e inclusivamente contra a vontade explícita da maioria”. Terá a teologia (concretamente, a teologia feminista) algo a dizer na construção de pressupostos renovadores para uma democracia verdadeiramente promotora de mecanismos de justiça? Teresa Forcades considera que sim e propõe a própria noção cristã de “persona” enquanto sujeito construtor de comunidade e de libertação comunitária, como um conceito inspirador de um “sujeito revolucionário que desmascare estas falsas democracias”, assumindo uma responsabilidade política pessoal e colectiva e potenciando a pluralidade e a superação de estereótipos de género, bem como reconhecendo que – nas palavras de Pedro Casaldàliga, citado pela autora – “só há dois absolutos: Deus e a fome”. O reconhecimento destes absolutos permite uma distância crítica face a todas as concretizações políticas, distância essa que Teresa Forcades concebe como uma atitude de “revolução permanente”, e não como o pretexto para uma atitude cínica face a qualquer sistema e, portanto, como uma forma de desinvestimento na construção de uma sociedade mais justa.

Bärbel Wartenberg-Potter, por seu turno, considera que a justiça deverá estender-se a toda a Criação. Para ser possível avançar práticas de justiça ecológicas, isto é, abrangentes de toda a criação e conscientes da interdependência de todas as criaturas, é necessário superar tanto uma teologia centrada no ser humano como “ponto alto de toda a vida criada”, como a ideia de que a máxima realização do ser humano como tal está na “sua capacidade e possibilidade de dominar os outros seres humanos e a natureza”, à semelhança de um Deus concebido como o “supremo interveniente” no mundo, “o Senhor onipotente”. Num texto que se refere à sua vasta experiência política e ecuménica, nomeadamente na África do Sul – experiência essa que Bärbel Wartenberg-Potter considera “um período de levantamento contra a discriminação”, concretamente, das mulheres – a autora relata de que forma chegou à intuição de que a “desconstrução das tradições patriarcais de interpretação da Bíblia” não só levam à construção de linguagens justas, inclusivas, como se perguntam acerca do lugar do ser humano no Universo”. Estas perguntas, quando colocadas em chave feminista, permitem chegar a “um paradigma teológico do cuidar e da preservação de toda a vida”, isto é, à “percepção da sacralidade de toda a vida criada”. O novo paradigma teológico supõe, segundo Bärbel Wartenberg-Potter, uma abertura às fontes religiosas, nomeadamente, dos povos indígenas, um diálogo com as ciências da natureza e uma amplificação da própria noção de sagrado, que, na sua perspectiva, passa pela “entrega do ser humano” a “Deus, a uma tarefa; a mãe e o pai a um filho, ao amor, à morte, à vida, à música, à natureza” – em suma, entrega a outros, incluindo-se aqui todas as formas de vida existentes na criação.

Julieta Mendes Dias pega precisamente na noção de justiça como ângulo de visão para toda a Criação, à luz da tradição bíblica, isto é, como “a ordem do mundo tal como Deus a instaurou”, para equacionar o seu potencial renovador e libertador. A autora cita a este propósito o grande teólogo sul-africano Albert Nolan, que afirma: “praticar a Justiça é endireitar o que está torcido, é restabelecer a própria ordem do mundo”. Mas esta ordem não é sinónimo de uma qualquer imposição divina à história e à humanidade. A justiça bíblica, nomeadamente, a de Jesus Cristo, constitui um outro nome para a compaixão, como a autora procura demonstrar, centrando-se em passagens dos evangelhos protagonizadas por mulheres. A justiça da atitude de Jesus (a compaixão como “sofrimento com...”) face a estas mulheres radica no reconhecimento e na denúncia da “existência de pobres, de indigentes, neste nosso mundo” como “fruto da injustiça radicada nos sistemas políticos, económicos e sociais vigentes”, e não numa qualquer fatalidade.

Ivoni Richter Reimer leva-nos numa viagem pela “fazedura’ das hermenêuticas bíblicas de libertação latino-americanas, a fim de elucidar a relevância e o valor das práxis diaconais de mulheres no contexto da interpretação, da teologia e da pastoral no Brasil e América Latina

das últimas décadas, práxis esta de misericordioso amor que constrói comunhão com e entre pessoas indigentes, a fim de transformar a sua e a nossa vida em constante processo de metánoia/conversão profunda e continuada.” A autora refaz o percurso das teologias da libertação na América Latina, enfatizando de forma particular a obra e o pensamento das teólogas feministas, portanto, demonstrando que “desde o início, nós mulheres estivemos presentes, da mesma forma como outras mulheres estiveram presentes, sempre, desde o início da história da salvação!” O caminho das teologias feministas da libertação, segundo Ivoni Richter Reimer, não passou nem passa apenas pela desconstrução dos textos fundacionais, mas passa também pela “reconstrução da história, da identidade e da participação de mulheres, crianças, pessoas empobrecidas e marginalizadas que já não aceitam passivamente o lugar a elas determinado, atribuído ou imposto”. Assim, a autora aponta os principais traços de uma hermenêutica feminista: ela constitui parte integrante da teologia da libertação, é ecuménica, processual, dinâmica e crítica. Estes traços reforçam, todos, o reconhecimento do “potencial transformador” das narrativas bíblicas (sobretudo, dos relatos centrados no papel das mulheres nas primeiras comunidades cristãs) “para dentro do *habitat* vital destes tempos histórico-eclesiais no Brasil”, segundo Ivoni Richter. Este potencial transformador anuncia que “a vida machucada” deve “ser liberta de qualquer jugo”.

Antonina Wozna apresenta-nos uma reflexão a partir de um ângulo completamente diverso e, à partida, aparentemente pouco “provável” no contexto das temáticas apresentadas até aqui: o ângulo empresarial e a procura de formas de exercício da liderança empresarial por mulheres. A leitura das primeiras linhas de Antonina Wozna depressa nos elucida acerca da perspectiva feminista do seu escrito. A autora recorda-nos que são as mulheres que suportam a carga económica em muitos países, sobretudo no continente africano, sem que os seus direitos sejam reconhecidos. São as mulheres que suportam a carga e a pressão do “triplo turno”, isto é, do trabalho profissional, da maternidade e da vida em casal. As mulheres “constituem a mão-de-obra barata no mundo empresarial dominado e dirigido pelos homens”. Neste contexto, coloca-se um desafio: as mulheres que alcançam lugares de poder, nomeadamente, nas empresas, deverão “marcar a diferença, evitar perpetuar os esquemas patriarcais” ou deverão repeti-los, para conseguirem afirmar-se? Que mecanismos de justiça poderão as mulheres introduzir nesses lugares? Retomando a reflexão de Eisler e de Mary Daly, Antonina Wozna analisa os mecanismos androcêntricos presentes na organização da sociedade, à escala global e local, afirmando que não basta actuar ao nível dos sintomas: é preciso actuar ao nível das causas. Assim, na sua perspectiva, não é relevante perguntar-se “como será o ano 2020” em categorias patriarcais (melhoria do rendimento da economia sustentável, maiores direitos das mulheres, cumprimento dos objetivos do milénio)”. Decisivo é descobrir que atitudes das mulheres podem introduzir a sua alteridade face ao *status quo* actual e não se deixar cair em armadilhas (como a de acreditar que a paridade constitui a solução para tudo). Antonina Wozna apela à relevância de uma perspectiva feminista ginocêntrica (na senda de Mary Daly) para a construção de uma nova forma de ser líder. Esta deverá deixar-se “interpelar pela memória interior do nosso ser que vibra nas ondas do mar e no núcleo da terra” e que, à luz da primeira lei da ecologia, nos recorda que “estamos todos interligados”. Neste sentido, “ser” (e recordando, mais uma vez, Mary Daly) entende-se como um verbo, uma remissão para a acção, e não para “a passividade ou resignação que pretendem impor-nos”.

O texto de Teresa Toldy, por sua vez, procura questionar formas de invisibilização na sociedade portuguesa, nomeadamente, a partir de um pensamento colonial e pós-colonial, que estabelece linhas de fronteira entre “os nossos” e os “outros” e, mais além, entre “os outros” e “aqueles que nem vemos”. Retomando as vozes dos feminismos pós-coloniais que chamam a atenção para a necessidade de análises interseccionais (nomeadamente, cruzando a questão do racismo com o sexismo), o seu texto procura contribuir para desbravar o caminho a uma

reflexão teológica em Portugal numa perspectiva pós-colonial e pós-colonial feminista (na sua perspectiva, ainda no grau zero ou quase, entre nós), isto é, a estudos críticos (de dentro das Igrejas, teológicos) sobre as implicações do cristianismo no processo colonial português. Do seu ponto de vista, existe uma necessidade premente de desenvolver estudos sobre as implicações das formas como as mulheres nativas foram vistas e como as mulheres migrantes ou as mulheres filhas de migrantes são vistas para uma reflexão teológica feminista, isto é, crítica dos atropelos aos direitos das mulheres e expressiva das vozes de mulheres, numa perspectiva plural.

O texto que se lhe segue, da autoria de João Emanuel Diogo, também se debruça criticamente sobre as consequências das crenças e das suas interpretações. O autor propõe-se reflectir sobre as possibilidades de elaboração de uma teologia aconfessional, isto é (nas suas palavras), “uma teologia que não seja religiosamente direccionada”. Esta procurará encontrar um modelo de leitura dos textos fundacionais no qual não se parta do princípio de que o leitor é sempre o crente e o autor é sempre Deus e no qual se atenda predominantemente às consequências éticas dos textos e das interpretações dos mesmos para os seus leitores. Neste sentido, João Diogo considera que a sua perspectiva o aproxima das teologias feministas, nomeadamente, de Elizabeth Schüssler Fiorenza.

O texto de Marijke de Koning também nos fala de consequências da crença, da teologia, das imagens e das representações de Deus para diversas situações existenciais nas quais se experimenta a vulnerabilidade, o desejo de futuro, a compaixão e a possibilidade de “uma ética capaz de sustentar e inspirar novas formas de aprender e organizar, num movimento circular constante de improvisação e sintonização e numa dinâmica de co-criação”. Marijke de Koning procura rastros de relação e libertação a dois tempos ou melhor, em dois relatos de situações bastante diferentes, mas passíveis de interpretação a partir deste denominador comum (“who has mercy on us?”): dois projectos de mulheres na área da educação não formal e a experiência da despedida voluntária da vida de uma sua amiga. Em ambas as situações está em causa, segundo a autora (e citando Christa Anbeek), “alargar a própria experiência com a de outras pessoas, não apenas para ajudar e cuidar, mas assumindo como ponto de partida a própria vulnerabilidade”. Este é, para Marijke de Koning, o papel de uma teologia libertadora, mesmo (ou precisamente) nas situações em que “a traição do corpo se torna incontornável” e em que o “ser com o outro” (“Tu que me fazes ser eu”, como diz Oosterhuis, citado pela autora) terá o poder de fazer a diferença (radical) entre o não-sentido e a linha do poema de Elgeman (também citado por Marijke de Koning), no qual se diz: “Atrás do firmamento/existe a luz que tudo conhece”. É desta linha de uma vida esticada “até se entender do princípio ao fim da sua visibilidade” que este texto nos fala, evocando “a participação de cada ser humano nas tarefas infinitas”, para concluir que podemos ser “parte muito finita” da história, mas fazemos parte “de uma história infinita.”

A publicação que aqui apresentamos termina com um apelo à audição da intervenção de Maria Carlos Ramos, que, não tendo sido passada a texto, constitui uma leitura explosiva e revolucionária da situação da dívida portuguesa à luz do conceito bíblico de “ano sabático”, isto é, o ano de perdão de todas as dívidas.

Esperamos que a leitura destes textos constitua uma oportunidade para prosseguir diálogos e articulações de conhecimentos, visões e expectativas teológicas – sempre em chave feminista.